

ÁGORA FILOSÓFICA

O *surplus* da linguagem em Emmanuel Levinas – II

The surplus concerning the language by Emmanuel Levinas – II

Márcia Eliane Fernandes Tomé*

Nilo Ribeiro Júnior**

Resumo

Neste artigo, a investigação deverá mostrar que o Dizer pré-original da linguagem – linguagem como substituição – é possível porque há uma anterioridade de um retirar-se a si mesmo da essência. Nessa retirada, o sujeito pode-se dizer como alguém ou como único que responde ao apelo do outro na responsabilidade. Com o esvaziamento da subjetividade devido à afecção, obsessão, refém, substituição e expiação pelo outro, a ética se torna uma sabedoria da paz. É nessa narrativa que Deus passa como o sentido que possibilita a relação ou linguagem ética.

Palavras-chave: linguagem, ética, face a face, substituição e dizer/dito.

Abstract

In this article the investigation shall show that the pre-original Saying of language – language as substitution – is possible because there is a precedence of the withdrawing of oneself from the essence. In this withdrawal the subject can be said as somebody or as the one who responds to the appeal of the other in responsibility. With the emptying of the subjectivity due to affection, obsession, hostage, substitution and atonement for the other, the ethics turns itself into wisdom of peace. It is in this narrative that God passes as the meaning that allows the ethical relation or language.

Keywords: language, ethics, face-to-face, substitution and saying/said.

* Autora. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2006), pós-graduação em Filosofia da Modernidade pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2008) e mestrado em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Atualmente é professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. fernandestome@ig.com.br.

** Co-autor. Nilo Ribeiro é doutor em Ética Teológica pela FAJE, Minas Gerais e doutorando em Filosofia pela UCP, Universidade Católica Portuguesa. Atualmente é professor do Curso de Filosofia e do mestrado em Ciências da Religião da UNICAP.

Introdução

A ideia diretriz deste artigo é mostrar que a linguagem ética para Lévinas, em *Autrement qu'être*, constitui-se como um Dizer pré-original. O Dizer é ruptura permanente da Essência, é produção. O dizer ético significa que o homem que substitui o outro é homem antes da essência. A subjetividade – na substituição – é dom feito ao outro, como dom mesmo de si. Mesmo antes de oferecer as palavras que são sempre palavras do Dito, o eu oferece-se a si mesmo ao outro. Em suma, o único lugar em que é possível escutar o dizer – não ambíguo como resposta na substituição do outro – acontece numa redução do dito ao dizer, que se dá para além da linguagem do ser e do não-ser, isto é, quando o eu é feito signo, significação, amor, responsabilidade pelo outro.

1 O Dizer como instância pré-original da linguagem

Viu-se que o projeto da relação ética, em *Totalidade e Infinito*, busca uma via capaz de sair do pensamento da totalidade. De fato, o infinito aparecia como lugar da interrupção da totalidade do ser, graças à exterioridade do rosto do outro. Toda a linguagem como troca de signos verbais se refere já à palavra de honra original. O signo verbal coloca-se onde alguém significa alguma coisa a algum outro. O sentido é o rosto de outrem e todo recurso à palavra se coloca já no interior do face a face original da linguagem.

Do ponto de vista de *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*, Lévinas reconduzirá sua investigação sobre a linguagem através de um tenso diálogo com Husserl: a significância que advém do rosto do outro é responsável pelo surgimento de uma inteligibilidade como linguagem, anterior à consciência de... husserliana, anterior à utilização do signo que procura significar o ser. A proximidade do próximo interrompe as etapas da consciência, porque a significação é atribuída à própria significância, isto é, à linguagem anterior à língua¹. O contato é comunicação sem frases e sem palavras. O dizer de contato não diz e nem ensina senão o fato mesmo de dizer e de ensinar. O signo não é um discurso porque é ainda balbuciante: não tem outro

conteúdo senão a própria proximidade como dizer. Essa relação de proximidade, esse contato inconversível em estrutura noético-noemática é a linguagem original. O *surplus* da linguagem.

Na obra *Autrement qu'être*, a primazia concedia à linguagem ética e à estrutura essencial da subjetividade como responsabilidade pelo outro que culmina com a substituição, rompe as malhas da linguagem ontológica presente em *Totalidade e Infinito*. O sujeito é, pois, “para-o-outro”. Desse modo, não se trata mais de uma filosofia da diferença ou de um ensaio sobre a exterioridade, mas de uma abordagem do outro que o ser e da estrutura própria da relação ética. Para além do ser e do não ser², Lévinas sugere um terceiro excluído: *autrement qu'être*. Na observação de Silvano Petrosino, *Autrement qu'être* pode ser lida como absolutização e exacerbação das características principais de *Totalidade e Infinito*: a ética como estrutura última do real é anterior à livre iniciativa do sujeito; a passividade do sujeito, mais do que um atraso no ser, é a condição da separação e da exterioridade³. Nessa obra, Lévinas escreve:

A passividade não é, portanto, um empecilho, mas a condição da novidade e do novo. É a partir de Outrem que a novidade significa, no ser, o *autrement qu'être*. Sem a proximidade de Outrem em seu rosto, tudo se absorve, afunda e se enclausura no ser, indo para o mesmo lado, formando um todo, absorvendo o próprio sujeito para quem ele se desvela. (1974, p.229)

Para nosso filósofo, a unicidade do sujeito é atingida por esse lapso, ou por esse tempo que a memória não pode alcançar. Nele, o para si do pensamento se torna o pelo outro da afecção, da vulnerabilidade ou da exposição até mesmo à violência do outro: “A identidade do mesmo no eu lhe vem de fora, apesar de si, como uma eleição ou como a inspiração à guisa da unicidade de assignado” (LÉVINAS, 1974, p.88).

O sujeito, permanente evasão em si mesmo, não é presença a si, mas, subjetividade no envelhecimento. Assim, ela é única, insubstituível, eu e não outro na responsabilidade por outrem. A passi-

vidade⁴ do tempo é o ponto de partida e de chegada da subjetividade. Essa passividade é o que melhor traduz o abandono da vontade. O sujeito não decide por essa passividade. Ele é submetido a uma obrigação que não controla, porque ele é “um sem identidade, embora único, na requisitória irrecusável (súplica) da responsabilidade” (LÉVINAS, 1974, p.90).

Parece-nos que a identidade do sujeito não é produto de seu processo de objetivação, de passagem pela alteridade. Sua unicidade, apesar de receber do exterior seu estatuto de identidade, é uma interioridade eleita. O sujeito não pode separar-se dessa “eleição” e nem da necessidade de resposta a um apelo absolutamente heterônomo. Em *Autrement qu’être*, o sujeito se descreve pela passividade, pois é paciência e envelhecimento, sem intencionalidade. Para Lévinas, trata-se de uma sujeição sem escravidão, obediência a uma ordem qualquer. O sujeito é, pois, passividade no Dizer e no sofrimento, é bondade no oferecimento⁵.

O modo como Lévinas recorre à passividade anterior à atividade e à proximidade anterior à intencionalidade produz uma expulsão e um exílio de todo lugar, uma assimetria e uma diacronia anárquica e de adeus rompendo toda diacronia, uma afecção e uma desanestesia da sensibilidade debordando a consciência, um Dizer que desdiz o Dito significando antes do Dito encerrado em sistema⁶.

De acordo com nosso autor, há, na tradição filosófica, uma errância e um esquecimento – segundo Heidegger, esquecimento do ser – da transcendência como transcendência. O mundo é encerrado dentro de um sujeito solitário ou encerra o sujeito assujeitando-o como ser no mundo. A coincidência, a síntese, a identidade na diferença, a reversibilidade, reduzindo à unidade, é uma solução ontológica que não sai da totalidade. É preciso sublinhar que, para Levinas, a totalidade significa sempre totalidade fechada sem transcendência. Segundo ele, essa errância do pensamento está ligada à linguagem e ao esquecimento do interlocutor – do outro.

Importante entender que, conforme Lévinas (1974, p.29-31), em *Autrement qu’être*, a linguagem é originalmente invocação e questionamento dirigido ao outro, com efeito, a questão do ser na pergunta, na pesquisa, e na inteligibilidade da questão – por causa da

imensidão elementar desde o surgimento do ser – é inteligibilidade que novamente se faz questão, entretanto, para nosso autor, mesmo na perturbação e na multiplicação da questão do ser. Originalmente, todo o Dito se dá num dizer entre o sujeito e o outro que se dizem a si mesmos um ao outro, e se expõem um ao outro acima e antes mesmo da questão do ser. Sem a anterioridade do outro e a relação ao outro, não haveria sequer questionamento nem inteligibilidade do ser, haveria só ser. Assim, o ser rege a linguagem, o tempo, a consciência, a sensibilidade, a verdade.

Nesse aspecto, o Dizer é temporalização, defasagem e dispersão que abre espaço à mostraçãõ do ser no reencontro, o momento final da verdade. O dizer dispersa para reunir no Dito. O desvelamento conta com a temporalidade: é obra da linguagem – do dizer – que sincroniza no dito a diacronia dos tempos. Pelo desvelamento – linguagem e tempos – há consciência e verdade. Segundo Lévinas (1974, p.35), “a verdade só pode consistir na exposiçãõ do ser a si mesmo, na consciência de si”⁷.

O sujeito não é mais fonte do Dizer “antes” do Dito: é o condutor até a perfeita correlaçãõ e coincidência Dizer-Dito. A identificação e a presentificaçãõ são propriamente obra do sujeito em funçãõ do ser.

Também a sensibilidade se integra e se sujeita à obra da linguagem, do tempo, da consciência e da verdade como intelecçãõ do ser. A sensaçãõ – ato comum do sentente e do sentido – é ambiguidade de fluência temporal e vivência afetada dos seres e acontecimentos por um lado, mas assunçãõ e identificaçãõ dos tempos, dos seres e acontecimentos que afetam, por outro. Com a assunçãõ da sensibilidade ao tempo da essência, à consciência e à verdade, ela se presta com os demais elementos à compacta síntese ativa do tempo e dos seres, onde nada se perde, nada envelhece, tudo se recupera e se diz⁸.

Desse modo, entre o verbo e o ser ou a essência do ser a relação não é de gênero à espécie. A essência ou temporalizaçãõ é a verbalidade do verbo – o ser é o verbo mesmo⁹. Toda identidade nomeável pode-se mudar em verbo.

Segundo Lévinas, em Husserl, a identificaçãõ se processa por um esquema dóxico, que porta o particular ao universal, anunciando

do, consagrando e dando sentido no universal. A linguagem como sistema de nomes – de identidade – é Kerigmática, anuncia em função da identificação, assim, denomina dentro de um tema, diz dentro de um já-dito. Na análise de Paul Ricoeur:

Lévinas argumenta a partir do fato que a correlação Dizer-Dito se apóia na linguagem, sobre a correlação entre o verbo e o nome. Ora, isto é sabido desde o Crátilo que funda o ato predicativo sobre a polaridade nome-verbo [...]. tanto na fenomenologia da noese como na lingüística do verbo, as duas versões da correlação entre verbo e nome abriam a possibilidade de uma pragmática do Dizer que, numa primeira aproximação, poderia justificar a dialética do Dizer e do Dito. Mas, para Lévinas, não se trata senão de uma correlação que anula a alteridade. (2008, p.21)

Para Lévinas, é então que todo nome, toda identidade tem um sentido para além de si no universal¹⁰. Desse modo, um nome, a rigor, não pode trazer novidade. Em Heidegger, nosso filósofo observa que, ao invés do esquema particular-universal, ele emprega o esquema “anfibia” do ser e do ente: o ser não faz ele mesmo tema, mas ressoa silenciosamente, presente sem se mostrar verbalmente, em todo nome e em todo verbo que são seus modos. O ser é como fonte de luz no qual os seres e os acontecimentos vêm à luz. Desde esse fundo comum, o verbo se nominaliza e o nome se verbaliza¹¹. Há, pois, um privilégio do verbo vibrando em todo nome e não há, rigorosamente, “nomes próprios” a indicar uma singularidade original, como não há entidade constituída pelo verbo. Tudo é “vigor e temporalização do ser”¹². A individualidade do indivíduo é um modo de ser¹³.

O capítulo II de *Autrement qu’être*, intitulado *De l’intentionnalité au Sentir*¹⁴, permite situar o alcance do giro que a filosofia levinasiana introduz na linguagem, até então ontológica, do “amor sem eros” da obra *Totalité et Infini*. A análise depurada da anfibia do dizer-dito visava a oferecer uma reinterpretação do sentido da interioridade, uma vez que o “sujeito não se compreende com-

pletamente segundo a ontologia” (1974, p.74), como propugnava Heidegger. Trata-se, portanto, de uma análise quase fenomenológica da anfibologia heideggeriana¹⁵.

A análise levinasiana se fixa sobre a questão que a ontologia deixou de lado, isto é, o fato de o *Dasein* ser “sensibilidade” (LÉVINAS, 1974, p.46), antes de ser compreensão do ser. Graças ao fato de o existente ser sensibilidade, há uma outra afecção que se dá não pelo simples fato de que seu ser é a verbalidade do Ser. A afecção que vem do Outro emerge nesse ínterim como sentido da interrupção da temporalidade do ser que o *Dasein* não é capaz de sincronizar, visto que a própria hermenêutica do *Dasein* mostra a impossibilidade de captar todas as manifestações do Ser de uma só vez. Nesse hiato, entre a afecção do Ser e o *Dasein*, manifesta-se, portanto, a chance ímpar da irrupção da exterioridade para além do ser que advém do outro. O ser, quando muito, pode afetar (*Betroffenheit*) o ser aí, mas não chega a alterar a existência do existente. A irrupção do outro como corpo-próximo interrompe a temporalidade do *Dasein*, como *essência*¹⁶. Na verdade, restringir a afecção do *Dasein* pelo ser é pensar uma “autoafecção” (LÉVINAS, 1974, p. 74).

Em contrapartida há, para além da “autoafecção”, uma subjetividade como “outro de si” (LÉVINAS, 1974, p.46) ou uma ipseidade ética. Ela surge na proximidade de um outro que o ser e, por isso, não se deixa sincronizar pelo dizer-se da anfibologia. A afecção vem do indizível ou do sem medida e não tematizável outro como próximo que traumatiza a subjetividade. Não sendo resultado da compreensão, essa afecção dá-se no corpo a corpo; um contato perpassado pela linguagem da exposição ao outro. Graças ao outro que se faz distante e próximo à visão e à linguagem da correlação entre o ser e o ente, entre o dito e o dizer são destituídos de valor¹⁷.

Conforme Levinas, há um Dizer original ou pré-original – Dizer ético – através do qual o homem que substitui o outro é movido por um dizer anterior à linguagem da essência. Esse Dizer se instaura graças à intriga com o outro na qual o eu se faz ele mesmo amor responsável pelo outro. Assim, o sentido do amor ou da responsabilidade é a própria “humanidade do homem ou subjetividade ou si” (LÉVINAS, 1974, p.78).

Na reflexão levinasiana, a temporalidade como Dizer procura desfazer a todo instante o fechamento na Essência¹⁸. O Dizer é pré-original e anárquico, isto é, não tem sua origem na representação e no presente da consciência, mas, antes, é questionamento do primado da liberdade e da Essência. O *autrement qu'être* é a subjetividade como única e insubstituível na responsabilidade pelo outro. Lévinas ensina que

A responsabilidade por outrem não pode ter começado no meu engajamento, na minha decisão. A responsabilidade ilimitada em que me encontro vem de um aquém de minha liberdade, de um 'anterior-à-toda-lembrança', de um 'ulterior-à-toda realização' do não-presente, por excelência do não-original, do anárquico de um aquém ou de um além da essência. (1974, p.12)

Ora, é possível afirmar, então, que todo Dizer já implica um desdizer, pois, do contrário, aquele que é diferente com relação ao Ser converter-se-ia em ser novamente. No pensamento levinasiano, o logos traz a possibilidade de um sentido que transcende o Ser e a Essência.

Para Feron¹⁹, em Lévinas, o Dizer é a instância original em que se tece a comunicação, ele é a possibilidade mesma da linguagem. O dizer extrai a significação fundamental e original da linguagem, porque não se reduz a uma mera transmissão de mensagens; ele fornece a orientação, a profundidade e a transcendência da linguagem; permite o para-outrem, para além da relação do significante a um significado; ele é o polo que condiciona a função de significação do signo, pois o Dizer anima a própria significação.

Segundo Paul Ricoeur, na obra *Outramente*, em Lévinas

[...] o passado enquanto memorável, isto é, tornado representável pela memória e pela história, depende do tematizável. Daí a qualificação, não somente pré-original, mas de pré-memorável do Dizer, em ruptura de sincronização. Aqui o prefixo pré-alcança o prefixo *dia* – de “dia-crônico” (“a diacronia, refratária a toda sincronização”). (2008, p.27)

Para Ricoeur (2008, p.28), é preciso considerar que esta anterioridade de um passado pré-original e anárquico não se inscreve por si mesma no tempo sincronizável da memória e da história. É nesse sentido que ele é imemorial (ou melhor, imemorável). Lévinas argumenta aqui, a partir da concepção husserliana da retenção das retenções considerada como modificação da consciência do presente. Talvez caia também sobre a *Wiederholung* heideggeriana a suspeita de “sincronizar”, de alguma forma, os três êxtases temporais num ser-tudo, como deixa entrever o título e o conteúdo da última sessão de *Ser e Tempo*.

Entretanto, Ricoeur percebe, no discurso tecido em *Autrement qu’être*, uma dificuldade: como fazer coincidir o pré-original do discurso do Dizer com a contemporaneidade da aproximação do próximo?

No entanto, é preciso recordar que, na filosofia levinasiana, o dizer é identificado imediatamente à responsabilidade. Essa, por sua vez, é considerada a linguagem do dizer, isto é, o dizer pode ser dito somente no *tropos* ético, e tudo isso aponta para a anterioridade do dizer em relação ao dito²⁰. Antes mesmo do aparecer que o dito desvela – a linguagem do ser – alguma coisa se passa, um evento tem lugar, e o dizer se expõe como aproximação ao outro²¹.

A subjetividade que Lévinas põe em relevo é “dom feito ao outro, como dom mesmo de si” (LÉVINAS, 1974, p.202). Mesmo antes de oferecer as palavras que são sempre palavras do dito, o eu oferece a si mesmo ao outro. O eu não existe como intencionalidade, mas ele é orientado ao outro pelo próprio outro que é linguagem. Diante do outro, o eu se expõe. Essa exposição sem palavras é a base de toda comunicação ulterior. A exposição não desvela a consciência do eu porque ela é vulnerabilidade. O dito, pela nomeação que realiza, possibilita esse movimento que interrompe a alteração da certeza do si. Contudo, o dizer expõe-se a essa alteração que não é caracterizada senão pela “saída de si, do si mesmo, pela proximidade ao próximo” (LÉVINAS, 1974, p.83). Sua orientação ao outro é esse colocar-se na orientação ao contrário de si mesmo. Orientação sem endereço. O sujeito do dizer não traz signos senão que se faz signo, converter-se em vassalagem²².

É exatamente o *desinteressamento* do sujeito caracterizado pela transformação do eu em signo feito ao outro – linguagem sem palavra – que expressa a linguagem hiperbólica da ética levinasiana. A linguagem não visa a expressar a situação ética como se essa fosse extrínseca àquela. A linguagem é, ela mesma, a própria situação ética, na qual o sujeito aparece como criatura escolhida para redimir o outro²³.

O dizer como relação pré-original significa uma entrega passiva ao outro, entrega vulnerável ou um oferecimento que advém do ser ferido pela afecção/proximidade do próximo e que, portanto, é o dizer de um eu que se oferece ao outro sem medida. A linguagem tem de dar conta de um sujeito assignado pelo outro. Há, portanto, outro regime da subjetividade em que o sujeito é ele mesmo linguagem ética, ou melhor, um signo dado ao outro pelo fato de o outro assigná-lo.

Assim, a unicidade levinasiana se compreende como subjetividade assinada, dilacerada e expulsa de si mesma. O dizer é responsabilidade, sujeição a outrem; é um para além da Essência. O dizer implica a realidade corpórea como sensibilidade e exposição, para além da receptividade kantiana e da intencionalidade fenomenológica. O corpo inverte o significado dessa tradição. O corpo é, pois, Dizer²⁴, ele abre o registro da ética como relação com outrem. Pelo corpo, chega-se às noções de Desejo, transcendência e relação. O eu como vulnerabilidade, enquanto corpo/signo maternal²⁵, não pode eximir-se da proximidade do corpo/fala do outro. Essa obsessão expressa a condição da subjetividade completamente exposta e marcada pela presença ausente do rosto.

Costurando os textos de Lévinas, a obsessão é um movimento de urgências e respostas sempre maiores. Obsessão como movimento levado ao infinito^o£, aumento no modo de dever, de dívida e culpa que crescem na irreprociabilidade: na imediatez e na penetração e invasão do outro, eu me exponho, sou obcecado e sempre mais em dívida, designo da bondade. A obsessão indica a penetração de outro, infecção, contágio. Psiquiatricamente, é possessão, invasão sem controle ou defesas, excesso queimando as etapas e as mediações de uma ordem lógica da consciência, revirando-a inquietando-a sem repouso²⁶.

De resto, tudo gira em torno da questão da linguagem que diz o se dizer do homem obcecado pelo amor responsável pelo outro. A subjetividade é “signo dado a outrem”, que é o próximo. (LÉVINAS, 1974, p.204)

A situação pré-original do dizer revela ainda um movimento ulterior na definição do dizer da subjetividade, isto é, um deslocamento da obsessão que evolui para uma substituição. O sujeito se experimenta em um movimento sem telos ao Bem. A substituição põe às claras as últimas consequências de uma ética como antropologia, melhor dizendo, de uma ética como amor sem concupiscência²⁷. A revelação da subjetividade como substituição concretiza a intenção levinasiana de ir para aquém dos pré-socráticos – ou para além do dizer do Ser segundo Heidegger. A substituição pode ser interpretada tendo por referência o servo sofredor de Isaías 53 e os outros cânticos do Servo de Javé, como também em contraste com a subjetividade moderna e, mais do que nunca, em confronto com seus mestres de filosofia²⁸.

É preciso sublinhar que o quinto capítulo de *Autrement qu'être*, sobre a substituição, trata-se da definição última da subjetividade. Substituir, para nosso filósofo, é o gesto de pôr-se sob o outro, e não de uma ocupação do lugar do outro possível dentro de um sistema com simetria e troca de papéis, no modo de inflação de ser. A subjetividade pensada por Lévinas como substituição corresponde à etimologia da palavra, e que acontece fora do sistema, antes do mundo, deixando o outro ser e servindo-o. Trata-se da substituição-do-um-para-o-outro na qual o “para” indica o modo de substituição – de fazer o serviço ao outro. Contudo, a substituição se contrapõe à compreensão da subjetividade como substância. Elas revelam maneiras diferentes de se posicionar diante do ser. O termo substância assume o caráter de uma posição, ou um estar sob. Substituição, por sua vez, significa uma deposição de um estar colocado debaixo. O sentido da substância exprime certo estado fixo, definitivo, estável e estabilizado da subjetividade. A substituição traduz uma radical mudança de lugar, de hábito ou de *ethos*.

Há, na substituição, uma inversão que se traduz como a afecção e a obsessão do outro sobre o mesmo, evidentemente a subs-

tituição além de traduzir a intriga ética, torna-se expressão da radicalização do dito de um dizer que se caracteriza como “sacrifício pelo outro” (LÉVINAS, 1974, p.183).

Somente por meio da nova semântica da subjetividade como substituição pode-se vislumbrar a passagem da crítica da ética como amor ao outro a uma ética da responsabilidade²⁹. Ora a última tem como ponto de partida o eu como mesmidade, enquanto a ética como responsabilidade parte do eu afeccionado pelo outro.

Em *Autrement qu’être*, a substituição como dom aparece associada à complexa operação da fissão do sujeito como consciência ou como substância. Opta-se pela fenomenologia do não fenomênico da afecção do outro. Ao interpretar a sensibilidade como proximidade e a linguagem como contato, a filosofia da alteridade propugna uma subjetividade que é em certo sentido anacrônica, anárquica e anarqueológica. Essa condição incondicionada tem origem na obsessão aquém do tempo e da posição da consciência. Assim, a “significância da significação” (LÉVINAS, 1974, p.274) da não indiferença da proximidade do outro assume uma significação ímpar. A significância que acontece na ética significa-se como substituição na linguagem da ética. Essa significância se diz na radicalidade da substituição que se faz signo no único-pelo-outro. Esse amor se revela como o extremo da não reciprocidade como se dizer ou como substituição no “Eis-me aqui”.

Eis-me é abrir-se à missão, é já dizer envia-me. “Eis-me significa envia-me”³⁰. Lévinas toma o sujeito na sua concepção etimológica: *sub-jectum*, mas de modo passivo, pois a criatura é mais passividade do que atividade. *Subjectum*, sofrendo e suportando o que lhe vem ao encontro, servindo-o, ou seja, substituindo e tomando sobre si a carga dos outros. O *subjectum* é único e universal. A universalização dessa unicidade da subjetividade é sempre pensada por Lévinas de modo ético, como dessubstancialização, sujeição e responsabilização universal. Nem coincidindo com o todo, nem dominando o todo, mas servo de todos.

Subjetividade, totalmente contrária à ideia do sujeito universal, se constitui como hipóstase ética. Essa condição da *subjectum* acontece como diástase passiva na deposição de si pelo outro. “Desinteressamento do sujeito como descida ou elevação do Eu a eu”³¹.

A “hipóstase” que, em *De l’existence a l’existant*, foi apresentada como primeiro esboço de evasão do ser, reaparece em *Autrement qu’être* como o sentido último da subjetividade, na “significância do um-para-o-outro” (LÉVINAS, 1974, p.158). A hipóstase traduz, sobretudo, a significação da unicidade do eu como perda de si mesmo, no movimento de oblação e doação do si ao outro. O eu é eleito e insubstituível na substituição amorosa como responsabilidade pelo outro. Em última instância, a hipóstase é descrita como maternidade e essa se diz na própria linguagem da responsabilidade, e da responsabilidade como linguagem do único-pelo-outro. Dito de outra forma, a hipóstase é a expressão do amor sem *eros*, como *autrement*.

A hipóstase é o lugar privilegiado em que se pode “descobrir a si no dizer” (LÉVINAS, 1974, p. 173). Esse si da subjetividade anterior a todo engajamento, fora de todos os *tropoi* (linguagem) *essência*, não pode ser reconhecido senão como a própria responsabilidade pelo próximo que, como tal, é ela mesma linguagem, linguagem ética. A linguagem ética é, em última instância, a linguagem da carne que se faz corpo. É, portanto, a linguagem da paz³².

Assim, a subjetividade maternal encarregada de carregar, de expiar ou “suportar” o mundo e os outros (ibid. 183) só chega a si dizer como tal na linguagem do si ou no exílio do aquém do a si, isto é, no sujeito como nome próprio. Exatamente nesta in-condição, o si aparece como o dito na substituição do outro no “Eis-me aqui” – o eu no acusativo significa um si, um me para-o-outro – de um sujeito único, cujo nome é insubstituível por outro qualquer.

Graças à intriga entre o Talmude e a filosofia, o “Eis-me” da substituição é associado à missão da redenção expressa pelo “Envia-me” (LÉVINAS, 1974, p.228). Contudo, o significado da missão só revela sua originalidade se referida à inspiração do sujeito. Nela, o sujeito aparece como alguém que tem nome e que foi capaz de amar o outro e de se falar no amor pela substituição. É, pois, da ética como amor que nasce a missão da paz. A ética, portanto, consiste na missão de pacificar a humanidade por meio do corpo e palavra deste que substitui o outro por puro amor.

Para nosso filósofo, a substituição, portanto, não só inverte a consciência, mas se encontra para quem dela, uma vez que a “alma anima o sujeito” como *pneuma* sem alienação (LÉVINAS, 1974, p. 202). A humanidade pneumática do sujeito, amor responsável pelo outro, cuja expressão se diz na própria linguagem da substituição, revela-se como topos e *tropoi* da questão do “traço do infinito” (1974, p.184). Esse traço aparece no próprio ato do se dizer do dizer “Eis-me aqui”, na linguagem que procede na afecção do rosto do próximo: o rosto do outro na proximidade – mais do que representação – é traço não representável – *surplus* e transcendência no dizer – maneira do infinito.

É a proximidade do rosto como próximo que permite que o “Eis-me” seja um dizer pela sua própria boca e um colocar-se em missão redentora a serviço do outro. Somente nesse regime o si se escuta dizendo-se a ordem que “pode vir de Deus, no rosto” (LÉVINAS, 1974, p. 229). A obediência ao Altíssimo significa precisamente essa impossibilidade de me esconder. Por essa obediência, meu Se é único. Ser livre é fazer o que ninguém pode fazer no meu lugar. A linguagem que se ouve desde o *subjectum* testemunha o infinito e faz brilhar uma verdade que não é deste mundo, pois, pelo sacrifício irreversível, pela passividade, pelo *non-sense* da imolação extrema, estão abalados os fundamentos do ser e suas explicações. Se o logos do infinito é silêncio e fracasso na lógica do ser, o logos do ser emudece diante da lógica do infinito.

Assim, no conceito de substituição parece possível tentar uma conclusão: é a partir dessa linguagem, do face a face, da aproximação e substituição – Dizer além do Dito – que toda linguagem e todas as línguas recebem significação ao infinito. Na tentativa de compreendermos esta significância da significação, é necessário penetrar na relação entre o infinito que inspira o seu verbo e a testemunha que o pronuncia em toda linguagem e em todas as línguas, relação diversa da relação ao fundamento. A linguagem na hora de sua verdade ética – de sua plena significância – é inspirada, pode então dizer mais do que diz e assim não é uma genialidade nem saber, mas a espiritualidade do espírito que se exprime, aptidão do falar humano debordando as intenções primeiras que o portam.

Conclusão

Nas análises de *Autrement qu'être*, Lévinas abandona a linguagem ontológica presente em *Totalidade e Infinito* em favor de uma subjetividade que se caracteriza pela exposição no Dizer, sua estrutura essencial se constitui pela responsabilidade para com o outro que culmina na substituição – definição última da subjetividade. A linguagem do Dizer cumpre a aspiração fundamental da hermenêutica como movimento ao além. O sentido não é simbolismo dum ausente, que, pela mediação do símbolo, faz-se presente. Lévinas inverte o movimento: a minha exposição e meu exílio na palavra é *surplus* e transcendência no Dizer, em que a palavra não é símbolo de mim mesmo, mas o modo como eu vou além do simbolismo e do reino onde os símbolos fazem o jogo dos fenômenos.

Vimos que é graças à distância-proximidade entre o outro e o mesmo, a visão e a linguagem da correlação entre o ser e o ente, entre o dito e o dizer são destituídas de valor.

Por fim, o Dizer como relação pré-original significa uma entrega passiva ao outro, propugna uma concepção de substituição e de padecimento por amor ao outro. É dentro desta vida doada da aproximação até a expiação e substituição – Dizer além do Dito – que toda linguagem e todas as línguas recebem significado ao infinito³³.

Notas

- ¹ Cf. RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz**: ética e teologia em Emmanuel Lévinas. São Paulo: Loyola, 2008, p.59.
- ² Vale lembrar que, para Platão e Aristóteles, o “não-ser” é na medida em que participa do ser ou a ele se refere. O *autrement qu'être* levinasiano não é uma participação ou produto do ser, mas uma saída de suas alternativas. Por consequente, não é nem um ser de outro modo nem uma ausência de ser, mas outro que o ser.
- ³ Cf. PETROSINO, Silvano *et* ROLLAND, Jacques. **La vérité nomade**. Paris: La Découverte, 1984, p.201-202.
- ⁴ Marcelo Fabri em sua tese de doutorado, *Ética e dessacralização: a questão da subjetividade em Emmanuel Lévinas*, explica que “a essa passividade sem começo ele chama de an-arquia, pois ela não se caracteriza pela

- reunião das coisas, do passado e dos outros numa representação. A temporalização é perda de tempo, um lapso que não é iniciativa nem obra de um sujeito. Portanto, o tempo é envelhecimento; é rebelde à representação, é o paradoxo de uma consciência de si que já não é presença a si, mas senescência e diacronia” (1995, p.145).
- ⁵ Ibidem, p. 145.
- ⁶ Cf. SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 323.
- ⁷ “La vérité ne peut consister qu’en l’exposition de l’être à lui-même, dans la conscience de soi” (LÉVINAS, 1974, p.35).
- ⁸ Ibidem, p.39-43.
- ⁹ Ler mais a respeito do tema em: SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 137-146.
- ¹⁰ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Autrement qu’être**. La Haye: Nijhoff, 1974. p.45-48
- ¹¹ Cf. SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 144
- ¹² Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Autrement qu’être**. La Haye: Nijhoff, 1974. p. 49-51.
- ¹³ Cf. LÉVINAS *apud* SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 145
- ¹⁴ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Autrement qu’être**. La Haye: Nijhoff, 1974. p.46-55. Esse capítulo ligeiramente modificado corresponde ao texto *Le Dit e le Dire*, *Le Nouveau Commerce Chaier*, 18-19(1971) *apud* RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz**. São Paulo: Loyola, 2008. p.338.
- ¹⁵ Cf. RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz**. São Paulo: Loyola, 2008, p. 339.
- ¹⁶ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.72 n.1. O próprio filósofo explica o motivo que o conduziu a utilizar a palavra essência ao invés de essência: “Escrevemos *essência* com *a* para designar, por esta palavra, o sentido verbal do termo ser, o *Sein* distinto do *Seiendes*. Os grifos são nossos!
- ¹⁷ Ibidem, p.339
- ¹⁸ Em *Autrement qu’être* a Essência expressa o ser diferente do ente, o *Sein* alemão distinto do *Seiende*. É o *esse* latino em oposição ao *ens* escolástico. Entretanto, é preciso cuidado quando se pensar no sentido de que essa palavra assume na referida obra de Lévinas. Assim, “evitar-se-á cuidadosamente utilizar o termo *essência* e seus derivados no seu emprego tradicional. Por essência, essencialmente, dir-se-á *eidós*, eidéticos, eideticamente ou natureza, quiddidade fundamental, etc”. (Ibidem, p.IX)
- ¹⁹ Cf. FERON, Étienne. **De l’idée de la transcendance à la question du langage**. Grenoble: Jérôme Millon, 1992. Cap. IV, p. 117.
- ²⁰ Em Lévinas, a linguagem é, enquanto Dito, um sistema de nomes que identifica certas entidades, substâncias, acontecimentos e relações. Para Lévinas, uma tal designação se faz mediante substantivos e por outras partes do discurso que derivam de substantivos. (FABRI, 1995, p.137)
- ²¹ Cf. RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz**. São Paulo: Loyola, 2008. P. 346-347.

- ²² Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Autrement qu'être**. La Haye: Nijhoff, 1974. p. 83.
- ²³ Cf. RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz**. São Paulo: Loyola, 2008. P. 346-347.
- ²⁴ Em *Autrement qu'être*, o tema da corporeidade aparece a partir da retomada das considerações sobre a fadiga, o esforço e o peso do existir presentes em *De l'existence à l'existant*. A passividade extrema do sujeito é a própria modalidade do para-o-outro, é sensibilidade como um sofrer e um responder pelo outro. Consequentemente, a corporeidade do sujeito é um Dizer que desfaz o jogo da essência.
- ²⁵ Em Lévinas (1974, p.116), a maternidade consiste nesta sensibilidade animada e encarnada, sofrendo e jejuando para alimentar o outro, renunciando-se e rompendo-se para ser o lugar material de outro, como um ventre e braços e um regaço para o outro, sua casa.
- ²⁶ “L'obsession traverse la conscience à contrecourant, s'inscrivant en elle comme étrangère [...] an-archique” (LÉVINAS, 1974, p.128).
 “Être affecté [...] le sujet s'affecté sans que la source de l'affection se fasse thème de re-présentation” (LÉVINAS, 1974, p.127).
 “L'obsession est persécution [...] inversion de la conscience [...] passivité (LÉVINAS, 1974, p.128).
- ²⁷ Cf. RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz**. São Paulo: Loyola, 2008.p. 357.
- ²⁸ Cf. SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 378.
- ²⁹ Trata-se da ética como responsabilidade anterior à liberdade, sem, contudo, poder dizer que o autor apenas tenha invertido o significado ontológico da ética, passando da liberdade à responsabilidade. Em Lévinas, a responsabilidade não é o sentido da liberdade, pois, na relação com o outro do qual origina a responsabilidade como palavra ao rosto é sempre indeterminada como exterioridade, ou como alteridade por onde passa Deus.
- ³⁰ “Me voice signifie envoie-moi” (LÉVINAS, 1974, p.186, nota 11).
- ³¹ “Désintéressement du sujet comme descent ou élèvement du Moi à moi” (LÉVINAS *apud* SUSIN, 2008. P.380).
- ^{32 33} Cf. RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz**. São Paulo: Loyola, 2008.p. 371.
- ³⁴ Cf. SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 393.

Referências

CHALIER, Catherine. **Lévinas: a utopia do humano**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FABRI, Marcelo. **Desencantando a ontologia:** subjetividade e sentido ético em Lévinas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1997.

FABRI, Marcelo. **Ética e dessacralização:** a questão da subjetividade em Emmanuel Lévinas. 1995. 217 f. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.

FERON, Étienne. **De l'idée de la transcendance à la question du langage.** Grenoble: Jérôme Millon, 1992.

FERON, Étienne. *Ethique, langage et ontologie* chez Emmanuel Kant. In: **Revue de Métaphysique et de Morale.** Vol. 82, N° 1, 1977.

FORTHOMME, Bernard. **Une Philosophie de la transcendance.** Paris: J. Vrin, 1979.

LÉVINAS, Emmanuel. **Autrement qu'être ou Au-delà de l'essence.** Nijhoff: La Haye, 1974 [Paris, Le livre de poche, 1993].

LÉVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente.** Campinas: Papyrus, 1998.

LÉVINAS EMMANUEL, **De Deus que vem à ideia.** Petrópolis: Vozes, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrindo a Existência com Husserl e Heidegger.** Lisboa: Instituto Piaget, 1967.

LÉVINAS, Emmanuel. **Deus, a Morte e o Tempo.** Coimbra: Almedina, 2003a.

LÉVINAS, Emmanuel. **Difficile liberté.** Paris: Albin Michel, 1963.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós:** ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2004.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito.** Lisboa: Edições 70, 1982.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro Homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalité et Infini**: essai sur l'extériorité. Nijhoff: La Haye, 1974.

LÉVINAS, Emmanuel. **Transcendência e Inteligibilidade**. Lisboa: Edições 70, 1984.

PETROSINO, Silvando *et* ROLLAND, Jacques. **La vérité nomade**. Paris: La Decouverte, 1984.

POIRIÉ, François. **Emmanuel Lévinas**: ensaio e entrevistas. São Paulo: Perspectivas, 2007.

RICOEUR, Paul. **Outramente**. Petrópolis: Vozes, 2008.

